
LEAL, Ondina Fachel (Org.). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. 470 p.

Moacir Scliar*

Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre
– *Brasil*

Para a civilização grega, o corpo era um tema de beleza. Para o cristianismo medieval, motivo de abominação: a carne pecaminosa encarcerando a alma. Para os cartesianos, uma máquina de funcionamento perfeito.

A idéia de corpo vem percorrendo um longo caminho, que seguramente não está encerrado: ninguém admitirá que a adoração narcísica do corpo, capaz de alimentar uma rendosa indústria, seja a culminância do nosso processo civilizatório. Não, sobre o corpo ainda precisamos aprender muito, e não se trata de um conhecimento ocioso, como mostram a professora Ondina Fachel Leal e seus colaboradores em *Corpo e Significado – Ensaios de Antropologia Social*. É uma iniciativa extremamente oportuna, esta. Particularmente, saúdo-a com entusiasmo, não apenas na qualidade de leitor – o tema é fascinante – como sobretudo na condição de médico de saúde pública. Falta à nossa formação médica aquilo que os norte-americanos denominam *Medical Humanities*, um conjunto de disciplinas que proporciona uma visão da pessoa diferente de, e complementar a, concepção anatômica, fisiológica e patológica do ser vivo, concepção esta que tem atrás de si séculos de tradição, mas que se viu reforçada sobretudo a partir das últimas décadas, e que representa hoje uma forma muito sofisticada do mecanicismo cartesiano. A afirmação nada tem de pejorativo; “consertar” o corpo representa simplesmente aquilo que os médicos sabem fazer melhor. Um exemplo é a chamada revolução psiquiátrica. Durante muito tempo os psiquiatras, seguindo a orientação freudiana, usa-

* Médico e escritor. Autor de *Do Mágico ao Social: a Trajetória da Saúde Pública* (Porto Alegre, L&PM, 1987) e *Cenas Médicas* (Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1988).

ram o contato pessoal para entender e minorar o sofrimento psicológico. De repente surgem novas drogas – e o Prozac é o exemplo que ocorre de imediato – e a psiquiatria muda. Não se sabe exatamente como as drogas atuam na bioquímica cerebral; o certo é que atuam, e as companhias de seguro-saúde preferem pagar os tratamentos que as usam do que apostar na psicoterapia.

Os colaboradores de *Corpo e Significado* – um grupo multidisciplinar que inclui historiadores, antropólogos, médicos, filósofos, todos com impressionante *background* – partem para uma abordagem diferente. Eles querem entender o corpo, e sobretudo o corpo como é visto entre nós. É uma linha de pesquisa que teve origem no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e que, diz a professora Ondina Fachel Leal, cresceu a ponto de tornar-se um núcleo de pesquisadores.

Basta ver os temas abordados para compreender de imediato a importância dessa iniciativa. Tomemos o primeiro dos artigos, *Sangue, Fertilidade e Práticas Contraceptivas*. De imediato ficam evidentes os aspectos simbólicos ligados ao ciclo menstrual, aspectos simbólicos estes que vinculam nossa cultura a concepções e crenças muito antigas na humanidade. Ali está, por exemplo, o conceito de quente e frio (o sangue é quente, a água é fria) que encontramos na idéia aristotélica de humores. Ali está, sob outra forma, o tabu bíblico da menstruação: “mulher menstruada não está limpa, ela está bichada” (p. 26). É interessante, de outra parte, ver correlações que as pessoas estabelecem entre ato sexual e fecundação. Esta ocorre “[...] quando chove, quando tudo está úmido”, “[...] em maio, que é o mês das mães e mês das noivas” (p. 29).

Pitoresco, sim, e até lírico, mas importante. Quando se sabe que a gravidez não desejada é um problema social e de saúde pública (e não só no Brasil: neste momento há uma intensa discussão sobre o assunto nos Estados Unidos, no sentido de incluir ou não mães solteiras em *welfare*), deduz-se de imediato que a questão é transcendente. Mas não se trata do diálogo entre duas culturas compartimentalizadas. De 1986 para 1992 aumentou apreciavelmente o número de mulheres que recorrem ao contraceptivo oral, à ligadura tubária ou ao DIU numa vila popular de Porto Alegre (p. 31). As pessoas podem recorrer a métodos tradicionais no diagnóstico e tratamento de seus problemas de saúde, mas não recusam os recursos da chamada medicina científica.

Os autores dessa antologia vão buscar no passado as raízes de problemas atuais. Há, por exemplo, uma análise da concepção de loucura em Porto Alegre no final do século XIX. Vê-se ali que o movimento alienista, satirizado por Machado de Assis numa novela famosa, já havia chegado ao Rio Grande do

Sul (p. 327); aliás, dele o Hospital São Pedro dá, até hoje, testemunho. De novo temos aí a teoria dos temperamentos, ligados aos humores (p. 345).

Dos antigos flagelos saltamos para os mais recentes. Dois trabalhos abordam a questão da Aids, que rapidamente transforma-se num crítico problema de saúde pública no Estado. Uma doença cuja abordagem é fortemente prejudicada pelos estereótipos que envolvem a questão do contágio: a tragédia superposta ao sofrimento dos pacientes infectados.

Mas não só de doença fala a coletânea. O papel do corpo nos contos de fada, em rituais, no carnaval e no esporte é abordado em vários ensaios. Em síntese, essa é uma importante colaboração para o conhecimento científico. “Seu campo de interesse”, diz o professor Sergius Gonzaga na apresentação, “pode se aproximar da história, da sociologia, da literatura, da psicanálise, do folclore”. Eu gostaria de enfatizar o papel que esses ensaios podem desempenhar na formação de profissionais da área da saúde. Não é segredo que o país vive, neste momento, uma grave crise em seu sistema de saúde. O Sistema Único de Saúde (SUS), referendado pela Constituição de 1988, que reconhece a saúde como um direito de todos e um dever do Estado, não atinge os objetivos para os quais foi criado. Há problemas de recursos, certamente, e há questões gerenciais, mas as barreiras culturais são um obstáculo importante. Elas são de duas ordens: em primeiro lugar, as que separam a mentalidade “preventiva” da mentalidade “curativa”, a primeira representada pelo Ministério e pelas Secretarias (estaduais e municipais) de saúde, a segunda pelo ex-Inamps. O segundo tipo de barreira aliena os profissionais da população a que devem servir. Até a linguagem por vezes é diferente, originando situações que seriam cômicas se não fossem trágicas. Certa vez atendi uma paciente que vinha deglutindo, com estoicismo digno de admiração, gigantescos óvulos vaginais que lhe tinham sido prescritos por um médico. Ninguém tinha dito a essa pobre mulher que óvulos não são para tomar, são para colocar na vagina.

Corpo e Significado é uma obra que ajudará a superar tais tipos de barreira. Em matéria de informação e formação representa mais que uma contribuição. É parte de um processo de mudança do qual depende a nossa sobrevivência como grupo social.